

SHOW

A urbanidade do violão

Radicado no Rio, o jovem e premiado músico brasileiro Daniel Santiago apresenta *Metrópole*, um CD autoral, de hoje a sexta

» IRLAM ROCHA LIMA

Daniel Santiago é da geração de músicos brasileiros que migraram para o Rio de Janeiro no começo desta década e que hoje se destacam nacional e internacionalmente. O violonista, integrante do grupo **Brasileiros**, traz no currículo trabalhos com nomes do primeiro time da MPB, como Maria Bethânia, Ney Matogrosso, Ivan Lins, Hermeto Pascoal, Wagner Tiso e Domingos.

Em 2006, Daniel havia feito o CD *On the way* voltado somente para o mercado norte-americano e distribuído pelo selo Adventure. Com o título *Metrópole*, finalmente, acaba de sair no Brasil, pela Rob Digital, o primeiro álbum solo do instrumentista. No último dia 4 o álbum foi lançado na Modern Sound, no Rio de Janeiro; e de hoje a sexta-feira, às 21h45, haverá o lançamento no Clube do Choro, em show pelo projeto Dorival para Sempre Caymmi.

“Esse é um trabalho que reúne 12 temas, compostos por mim entre 2001 e o final de ano passado. Neles busquei imprimir linguagem pessoal, criada a partir de influências de diversos gêneros brasileiros e estrangeiros”, afirma. O próprio Daniel assina a produção musical do *Metópole*, ao lado de Marcos Portinari.

Responsável também pelos arranjos e pela escolha dos músicos que o acompanhou nas gravações, ele procurou selecionar instrumentistas de sólida formação erudita, “inovadores

Premiados

Daniel Santiago tem Hamilton de Holanda (bandolim), Gabriel Grossi (gaita), André Vasconcellos (baixo) e Márcio Bahia como companheiros no Brasileiros, que conquistou o Prêmio Tim em 2007, como melhor grupo instrumental. No mesmo ano recebeu indicação para o Grammy Latino na categoria melhor disco de música instrumental, concorrendo com nomes consagrados como Chick Corea e Bela Fleck.

na maneira de tocar e pensar música”. São eles, Vitor Gonçalves (piano), Guto Wirtti (contrabaixo), Josué Lopez (sax), Edu Ribeiro e Márcio Bahia (bateria). “Preparei os arranjos do *Metópole* para essa formação. Ao criá-los, procurei valorizar a participação de todos os instrumentos, que cumprem um papel especial no desenvolvimento harmônico de cada tema”, explica. O repertório do disco é aberto por *Cidade velha*, composta depois de uma viagem de Daniel a Jerusalém.

Mesmo passeando pela rica diversidade rítmica brasileira — do samba à música sacra mineira — Daniel toma, claramente, a linguagem do jazz como referência. Isso pode ser observado, por exemplo, em faixas como *Na chuva*, *Samba gregoriano*, *Filhos de guerra*, *Salamandra*, *Milagre* e *Dentro da gente*, e no tema título. *Carta pro mundo* foi composta ainda em Brasília. “Comecei a tocá-la no Trio Brasília Brasil, que

contava, também, com Hamilton de Holanda e Rogério Caetano. Agora ao gravá-la, adaptei para a sonoridade do quinteto.”

Todo o repertório do *Metópole* será mostrado no show do Clube do Choro, no qual Daniel terá ao seu lado os músicos que o acompanham no CD, menos Márcio Bahia e Edu Ribeiro, que serão substituídos por Cuca Teixeira. Para homenagear Caymmi ele escolheu os clássicos *Só louco* e *Você não sabe amar*. “Lançar o disco no Clube do Choro tem um significado especial, por se tratar de um dos lugares mais importantes onde já me apresentei, sem falar que fica em Brasília, minha cidade natal”, revela.

DANIEL SANTIAGO

Show do violonista e banda de hoje a sexta-feira, às 21h45, pelo projeto Dorival para Sempre Caymmi. No Clube do Choro (Eixo Monumental, ao lado do Centro de Convenções Ulysses Guimarães). Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia). Não recomendado para menores de 14 anos. Informações: 3224-0599. Amanhã, às 18h, também no Clube do Choro, Santiago ministra workshop de violão, com entrada franca.

www.correiobraziliense.com.br



Ouçã trechos da música *Metrópole*, que dá título ao CD

Marcos Portinari/Divulgação



O violonista Daniel Santiago toma a linguagem do jazz para conduzir seu trabalho no CD *Metrópole*

ARTES CÊNICAS

Teatro no divã

» DANIELA PAIVA

Os diretores Domingos Oliveira e Antonio Araújo têm um desafio hoje à noite, às 19h30, no auditório do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Com mediação da atriz e professora da UnB Bidô Galvão, eles vão relacionar a arte teatral ao complexo universo da psicanálise. Mas calma. Nada será tão cabeça quanto parece. Quem garante é Domingos Oliveira, 72 anos, que abordará as várias faces da questão com a típica leveza de boa parte de seus trabalhos nos palcos e na telona. “Esses debates são engraçados. Tento fazer com humor”, adianta.

Diretor de filmes cultuados como *Todas as mulheres do mundo*, *Juventude* e *Separações* Domingos Oliveira teve recente mergulho nessa relação profunda entre teatro e psicanálise. *Junge eu*, interpretado pelo grande ator Sérgio Britto, põe em cena a relação entre um intérprete shakespeariano, Leonardo Svobá, e o psicanalista Carl Gustav Jung. Na peça, há relação da criatividade com o fruto do inconsciente. Esse, aliás, será um dos pontos centrais do debate, aponta Domingos. “Quando você escreve a peça com a razão, ela fica muito ruim. Eu concordo que o processo de criação faz parte do inconsciente”, afirma. E qual é a ligação entre o mito e o fazer teatral? “O teatro é o mito. É uma fábrica de mitos”, completa.

Na outra ponta, Antonio Araújo se apropria da experiência com o Teatro da Vertigem para

O processo de criação faz parte do inconsciente. O teatro é o mito. É uma fábrica de mitos”

Domingos Oliveira, cineasta

estabelecer a ponte entre teatro e psicanálise. Na *Trilogia bíblica* (*Paraíso perdido*, *Livro de Jó* e *Apocalipse 1.11*), encenada em espaços alternativos, como um antigo hospital psiquiátrico, o diretor estabeleceu fortes ligações das personagens com seu universo psicológico.

O ciclo de debate Arte/Inconsciente, *O mito no teatro*, tem entrada franca mediante retirada de ingresso 30 minutos antes do início.

O MITO NO TEATRO

Debate com Domingos Oliveira, cineasta e dramaturgo, e Antonio Araújo, diretor do Teatro da Vertigem. Mediação: Bidô Galvão. Hoje, às 19h30, no Auditório do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no SCES Tc. 2, Lt. 22. Entrada gratuita mediante retirada de senha distribuída meia hora antes do início do evento. Não recomendado para menores de 12 anos. Informações: 3310-7087 ou www.bb.com.br/cultura.

Leonardo Hallal/Divulgação



Tem batuque no terreiro

Tudo cabe no palco do Jogo de Cena: teatro, música, audiovisual, dança, artes plásticas... e até batuque. O grupo de percussão Patubatê, que está há 10 anos na estrada, levanta a poeira com inusitadas sucatas (como orelhões, panelas velhas, tonéis) e picapes, misturando música brasileira com eletrônica. A apresentação segue quente na verva bem humorada dos comediantes Welder Rodrigues e Ricardo Pipo, integrantes da Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo. O evento acontece, às 20h, na Caixa Cultural, com ingressos a R\$ 20 e 10 (meia também para doadores de 1 kg de alimento).

Nessa vibe, entram cenas de teatro da companhia Os Sei Lá Quem, com trecho da peça *Ninguém mete a colher*, e da Cia. de Comédia de 4 Naipes, com o *De volta aos anos 90*. “A gente reclama que não tem o que fazer em Brasília, mas isso não

é verdade. Acabamos de voltar de São Paulo e não vimos nada de tão criativo como o Jogo de Cena. É um projeto original que reúne a tradição com o novo”, professa o diretor Flávio Nardelli (Cia. de Comédia de 4 Naipes).

Tem ainda esquete de *Máquina de gargalhadas*, projeto que ainda nem estreou. “É uma anti-homenagem ao teatro. Brincamos com os clichês e mostramos os bastidores com o ego inflado dos diretores e com as brigas entre as atrizes”, diz Gabriel F., diretor da peça que, com Amuramy Martins e Roberta Rangel, completa o elenco.

Na tela, o curta-metragem *Cegueira*, com roteiro de José Roberto Magalhães e direção de Herculano Almeida, mostra o olhar solidário de uma moradora de rua perante grupo de pessoas contaminadas por doença. A produção, inspirada no livro *Ensaio sobre a cegueira*, de

Cristiano Nunes/Divulgação



O grupo de percussão Patubatê levanta a poeira hoje no Jogo de Cena

José Saramago, em nada se parece com a obra homônima de Fernando Meirelles. “Não é um algo comum. É um filme bem diferente, mais próximo real”, avisa.

JOGO DE CENA

Hoje (quarta), às 20h, Jogo de Cena na Caixa Cultural (SBS, Q. 4, Lt. 3/4; 3206-6456). Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia também para doadores de 1 quilo de alimento não-perecível). Assinantes do Correio têm 50% de desconto no valor da inteira, mediante a apresentação do cupom Sempre Você, obtido no site www.correiobraziliense.com.br/assinante. Não recomendado para menores de 12 anos.

www.correiobraziliense.com.br



Veja a programação completa do Jogo de Cena no Divirta-se